



OS CURDOS NA SÍRIA E A REVOLUÇÃO DO ROJAVA

Daniel Gualberto da Silva¹

Andrew Patrick Traumann²

Resumo: o procura sintetizar os desenvolvimentos históricos que permitiram aos Curdos a conquista, em julho de 2012, de autonomia no norte da Síria. Visando melhor compreensão dos acontecimentos atuais, será traçado um perfil geral do Estado Sírio e do Curdistão. Depois, faz-se necessária uma análise da complexa história do movimento político na região até o início da década de 2010. Por fim, espera-se que a junção dessas partes forneça um adequado entendimento da situação curda síria.

Palavras chave: Curdistão; Rojava; Partidos Políticos Curdos; Síria.

Abstract: The article seeks to synthesize the historical developments that allowed the Kurds the attainment, in July 2012, of autonomy in northern Syria. Aiming at a better understanding of current events, a general profile of Kurdistan and the Syrian State will be drawn. Afterwards, it is necessary to analyze the complex history of the political movement in the region, up until the start of the 2010's. Lastly, it is expected that a juncture of these pieces will provide an adequate understanding of the Syrian Kurdish situation.

Keywords: Kurdistan; Rojava; Kurdish Political Parties; Syria.

¹ Graduando do curso de Relações Internacionais no Centro Universitário Curitiba – Unicuritiba, em Curitiba, Paraná.

² Orientador professor doutor do curso de Relações Internacionais no Centro Universitário Curitiba – Unicuritiba, em Curitiba, Paraná. E-mail: andrewtraumann@hotmail.com



Introdução

“A maior nação sem um estado do mundo”³ é uma definição comumente utilizada para caracterizar o povo Curdo. Esse grupo, composto por pelo menos 25 milhões de pessoas (McDOWALL, 2007, p. 3), viu-se dividido, ao fim da Primeira Guerra Mundial e de três sucessivos tratados para redefinição de fronteiras, majoritariamente entre quatro estados soberanos: Turquia, Irã, Iraque e Síria.

Nos Estados onde compõem minorias, mesmo que substanciais, os indivíduos caracterizados como curdos sofrem por perseguição governamental e constantes tentativas de negação de sua cultura. Por vezes, há até mesmo a recusa do governo central de reconhecer a própria existência, entre sua população, da etnia curda; oficiais de governo na Turquia e na Síria já caracterizaram curdos como “Turcos da montanha” ou “Árabes de origem curda”, respectivamente (ALLSOPP, 2015, p. 5). Essa intransigência quanto ao reconhecimento de identidade se deve, principalmente, às características nacionalistas dos regimes e de movimentos políticos históricos da região. (McDOWALL, 2007, p. 2).

Como resposta à repressão sofrida, a história contemporânea dos curdos é marcada por embates contra o poder central para tentar alcançar maior autonomia política e um *status* de igualdade com a população majoritária local. De forma geral, os esforços, nesse sentido, que ganharam maior cobertura da imprensa e foco de acadêmicos foram os turcos e os iraquianos. Há, entretanto, um novo interesse nos curdos sírios, em decorrência do papel que assumiram no atual conflito que ocorre na Síria.

Quando já percorridos cerca de dois anos da Guerra Civil Síria, por volta do fim de 2013 e início de 2014, o Partido da União Democrática (PYD)⁴ - partido político curdo dominante nesse Estado - anunciou o estabelecimento de estruturas administrativas para gerir a autonomia *de facto* conquistada nas três regiões sírias do Curdistão (GUNES;

³ “Comprising the largest stateless nation in the world, the Kurdish people...”. YILDIZ, 2005, p.2.

⁴ *Partiya Yekîti ya Dêmkokrat*, traduzido para “Democratic Union Party” em inglês



LOWE, 2015, p. 10). O conjunto dessas áreas não-contíguas é denominado, pelo PYD, de Rojava, termo que significa “Oeste” no dialeto Curmânji da língua curda e referência ao fato de que a região Síria representa o Curdistão do Oeste.

Mesmo que a obtenção de autogovernança não seja inédita entre o povo curdo – o Governo Regional do Curdistão, no Iraque, é provavelmente o exemplo mais bem-sucedido disso –, a conquista dos curdos sírios é surpreendente se analisada a história desse grupo específico. A luta curda no Estado sírio não suscitava, até o início do século XXI, tanto interesse quanto a turca, iraquiana ou, até mesmo, iraniana. Isso se deu por algumas importantes características particulares dos curdos sírios e, entre elas, pode-se citar: a ausência de resistência armada por mais de cinco décadas; o insucesso, até recentemente, na demanda de concessões dos regimes governantes à causa curda; numerosas divisões internas do movimento (ALLSOPP, 2015, pp. 2-3). É importante notar, também, que o número de curdos na Síria é o menor entre os quatro principais estados citados.

Para entender o porquê da aparente passividade da resistência dos curdos sírios, será traçado um rápido perfil histórico, demográfico e territorial do Curdistão. Em sequência, a análise se concentrará brevemente em como se deu o traçado das atuais fronteiras nacionais que separam o povo do Curdistão para que, depois, enfoque-se nos curdos sírios e as características locais que serviram para diferenciar suas ações daquelas tomadas por seus vizinhos. Serão examinados elementos únicos aos curdos da Síria, desde a geografia até a influência de partidos dos países fronteiriços nas esperanças locais de liberação. Busca-se, então, sintetizar o desenvolvimento histórico, principalmente após o início do mandato francês, que levou uma minoria curda considerada relativamente calma e resignada a, após o início do atual século, aumentar o número de manifestações até, finalmente, se tornar um dos protagonistas da Guerra Civil que ainda continua.



1. Características Gerais do Curdistão e Integrantes

Acredita-se que os antecedentes indo-europeus da maioria do povo Curdo se assentaram na região montanhosa que hoje constitui o Curdistão há mais de 4000 anos (YILDIZ, 2005, p. 5); passou-se, depois disso, cerca de dois milênios até que esse coletivo de indivíduos se tornasse identificável como grupo próprio. Vale notar que dialetos curdos, a existência de diferentes impérios na área no decorrer dos séculos e análise da fisionomia dos curdos atuais tornam difícil acreditar que eles possuam ancestralidade única; possivelmente, tribos árabes, persas e turcomanas também contribuíram para formar a etnia curda atual. (McDOWALL, 2007, pp. 2-9)

Por mais que relações comerciais e bélicas com tribos e povos vizinhos já houvessem dado, por muito tempo, ao povo Curdo a consciência de que eram um grupo distinto daqueles que os rodeavam, as primeiras expressões escritas deste sentimento de identidade étnica vieram das obras dos poetas Sharaf Khan Bitlisi, no século XVI, e Ahmed i Khani, no século XVII (ALLSOPP, 2015, p. 46). Possuem notável importância os escritos de Khani pois neles já se percebia a ideia de que os curdos são, ao mesmo tempo, um povo formidável e, em razão da localização estratégica, oprimido. Isso é particularmente importante para nacionalistas curdos pois lhes permite mostrar que a luta por uma nação curda já data de séculos e fazer de Khani um herói histórico. Todavia não é possível estimar quantos dos contemporâneos do poeta compartilhavam desta visão (McDOWALL, 2007, pp. 4-5).

Além de registros históricos, utiliza-se também da propagação de mitos comuns para reafirmar a unidade do povo e, por consequência, da nação curda. A mais celebrada dessas narrativas é a que retrata um suposto período da história em que o povo da região do Curdistão era dominado pelo Rei Zuhak, que exigia diariamente duas crianças para alimentar cobras que cresciam de seus ombros. O ferreiro Kawa, que já havia perdido seis filhos para o Rei, passou a esconder crianças nos morros da região para salvá-las e, mais

tarde, liderou uma rebelião contra o governante. Quando deflagrada a revolta, fogueiras foram acesas no topo das montanhas como um chamado para que as pessoas se unissem à insurreição.

A lenda do Rei Zuhak aprofunda a identificação do povo Curdo com a imagem da montanha e, para McDowall, deixa implícita a noção de que a etnia curda não teve uma única origem. Isso ocorre pela insinuação de que os curdos são descendentes da variedade de crianças salvas pelo ferreiro, e não, por exemplo, de um único casal mitológico (2007, p. 4). A vitória da revolta de Kawa é celebrada juntamente com a chegada da primavera na festa de Newroz, o ano novo Curdo (ALLSOPP, 2015, p. 130).

Quanto ao próprio espaço físico da região: o Curdistão não possui linhas ou fronteiras oficialmente estabelecidas, mas a maioria dos grupos políticos curdos estabelecem limites similares entre si (McDOWALL, 2007, p. 3). Isso se dá porque, hoje, o nome “Curdistão” designa a região na qual o povo Curdo forma uma maioria populacional (YILDIZ, 2005, p. 6). Dessa forma, estabelece-se uma relativa uniformidade e concordância acerca de quais são as fronteiras da Terra dos Curdos: como já mencionado, elas englobam territórios do norte da Síria e do Iraque, do leste da Turquia e do oeste do Irã, além de um pequeno espaço ao oeste da Armênia.

A importância econômica e estratégica que as regiões do Curdistão representam aos países a que pertencem constitui outro obstáculo à busca curda por maior autonomia e controle de seu território. Na Síria, por exemplo, a região curda de al-Hasaka, no nordeste do país, é responsável pela maior parte da produção de grãos e extração nacional de petróleo e gás natural (ALLSOPP, 2015, p. 19). A região de Mosul, no Iraque, é outra cobiçada historicamente por sua reserva de petróleo (FELDBERG, 2008, p. 193). Além do interesse advindo da presença de recursos naturais, quase a totalidade das terras curdas se encontra em regiões de fronteiras que separam estados com relações instáveis entre si. Por



isso, também, aumenta-se o interesse dos governos de não ceder o controle que possuem sobre essas terras.

Os curdos não estão igualmente distribuídos entre os Estados-nação do Curdistão: 13 milhões estão na Turquia, 5,7 milhões no Irã e 4,2 milhões no Iraque (YILDIZ, 2005, p. 8); na Síria, diferentes fontes citam entre 1,5 e até 3 milhões de Curdos, representando de 8% até 15% da população síria (ALLSOPP, 2015, p. 18).

2. Os Três Tratados do Pós-Guerra

Assim que encerrada a empreitada britânica contra os turcos na Primeira Guerra Mundial - que contou tanto com tropas árabes, motivados pela Revolta Árabe, como inglesas - grande parte do que era o território asiático da Turquia ficou sob domínio do Reino Unido. A liderança do Hejaz, região da península arábica que visava à contenção da influência turca na região, e os britânicos então passaram a negociar sobre a forma em que seriam divididas as terras Árabe-Otomanas e a soberania sobre elas.

O xerife Hussein, líder do Hejaz, demandava controle sobre a Árabia e o estabelecimento de um califado árabe; Henry McMahon, alto comissário para o Egito e figura que encabeçou o lado inglês das negociações, defendeu a exclusão de parte do território sírio e afirmou a necessidade da preservação de interesses francês. O esforço em defender o lado da França, explicitado nas chamadas “Cartas McMahon”, decorreu, principalmente, de dois pontos: serviria como uma forma de recompensar as forças francesas pela maior pressão exercida sobre elas quando parte do corpo de guerra inglês foi designado à incursão no Oriente Médio; a França afirmava exercer, historicamente, influência sobre a Síria, iniciada no período das Cruzadas (FELDBERG, 2008, p. 190-193).

Pouco tempo depois das correspondências, em 1916 e antes ainda do fim da Grande Guerra, negociou-se o acordo de Sykes-Picot entre França e Inglaterra, cujo conteúdo foi



divulgado pelos bolcheviques como forma de protesto às vontades imperialistas que ele representava (McDOWALL, 2007, p. 115). As demarcações territoriais previstas no acordo acabaram confirmadas mais tarde na Conferência de Paz de Paris e na Conferência de San Remo e dividiram a maior parte da Anatólia em duas esferas de influência: uma britânica e outra francesa. À Grã-Bretanha coube o mandato sobre o Iraque e a Palestina, e à França ficaram designados o Líbano e a Síria; Mosul ficou inicialmente sob mando francês. (FELDBERG, 2008, pp. 195-200).

Os britânicos passaram a ver necessidade de renegociação dos termos do acordo quando os seus interesses no petróleo e valor estratégico de Mosul cresceram. O aumento de poder de Mustafa Atatürk na Turquia e o decorrente desejo inglês de defender suas áreas de domínio no Oriente Médio levaram à ideia de que era necessária a criação de um Estado-Tampão armênio e outro curdo. Para esse fim, foi assinado, entre as forças aliadas e a Turquia, o Tratado de Sèvres, o qual, em três de seus artigos, delimitava as áreas de autonomia armênia e curda dentro do território Otomano. Seguindo o que foi acordado no tratado, a região curda só se tornaria um estado independente de fato caso, um ano mais tarde, fosse demonstrado, perante a Liga das Nações, desejo e capacidade para isso por parte dos curdos que ali habitassem.

As decisões de Sèvres não coincidiam com os desejos de Atatürk e da recém-proclamada República Turca. A Inglaterra se viu novamente ameaçada e, por preferir renegociar paz com os Turcos a apoiar diretamente rebeliões curdas na região, iniciou conversas sobre um novo acordo para a área. O resultante Tratado de Lausanne não só careceu de participação curda em suas negociações, como sequer mencionava o povo curdo no corpo de seu texto. A área do Curdistão que até hoje pertence à Turquia foi definida nesse tratado.

Como resultado dessa série de negociações e acordos, o território curdo foi final e definitivamente dividido entre as terras iraquianas, iranianas, turcas e sírias, além de uma



pequena parte dos curdos que ficou sob domínio da antiga União Soviética. (YILDIZ, 2005, pp. 12 – 15).

3. O Estado Sírio estabelecido

Como já mencionado, os Curdos habitam, majoritariamente, três áreas não conectadas do norte sírio. No Noroeste, há a região das Montanhas Curdas, chamada de *Kurd Dagh*⁵. A população indígena curda da região já a ocupa há séculos (McDOWALL, 2007, p. 465), desenvolvendo uma economia agrícola, e a sua principal cidade é a de Afrîn.

A região da Jazira, no Nordeste sírio, também conhecida como Hasaka, não possuía, até o final do século XIX e início do XX, uma substancial população fixa. Historicamente, essa área era usada para pastoreio por tribos nômades, tanto árabes quanto curdas (YILDIZ, 2005, p. 25). Os primeiros assentamentos vieram com o estabelecimento das fronteiras atuais, e a população local foi significativamente ampliada na década de 1920, através da chegada de fugitivos da repressão de Atatürk à população curda na Turquia (McDOWALL, 2007, pp. 198 – 201; p. 466).

O episódio mais marcante dos embates na Turquia foi a resposta do governo turco à revolta do Sheikh Said, em 1925. Depois de suprimida a revolta, a liderança do nacionalismo curdo virou alvo de perseguição do regime de Atatürk e se viu obrigada a fugir para países vizinhos (ALLSOPP, 2015, p.52).

A região de Kobanî, que também é o nome da principal cidade da área, encontra-se entre as outras duas e é, comparada a elas, a menor. O município de Kobanî é habitado quase que inteiramente por curdos, mas esforços do governo sírio de arabizar a região resultaram em duas cidades vizinhas com populações de maioria árabe. Outra medida que

⁵ Definição do termo vista em ALLSOPP, 2015, p. 18



enfraquece os curdos do local, produto do governo turco, é o fato de que as fronteiras turcas são fechadas para Kobani enquanto são abertas aos municípios árabes adjacentes (YILDIZ, 2005, pp. 24 – 25).

Há, também, uma comunidade curda em Damasco, que se estabeleceu na capital ainda na Idade Média, período em que grupos curdos lutavam juntamente a exércitos islâmicos contra invasores. Esse grupo reside em alguns cantões nos arredores da cidade e, com o passar dos séculos, tornou-se o mais arabizado entre os grupos curdos (McDOWALL, 2007, p. 466 – 467). Muitos curdos de Damasco ocupam posições mais privilegiadas quando comparados àqueles que vivem no norte do país; há, inclusive, curdos membros do partido Ba'ath e das agências de segurança. Eles são minoria, entretanto. (ALLSOPP, 2015, p. 4).

Independente da heterogeneidade das regiões no que diz respeito às características geográficas e à origem populacional, um ponto comum às três do Norte é a ausência de alguma significativa mudança imposta pelo início do comando francês. Os curdos que precisassem ainda conseguiam atravessar as fronteiras com Turquia e Iraque. Foi só depois de um aumento de tensões entre curdos e franceses que a vida do curdo comum passou a ser afetada: franceses aumentaram a presença nas áreas sírias do Curdistão por acreditar que era necessário amplificar segurança na fronteira turca (Idem, pp. 48 – 49). Quando a presença francesa se intensificou e se tornou mais perceptível, a opinião curda sobre os mandatários se dividiu: de um lado, a *agha* – estrato social composto por proprietários de terras – apoiava os franceses por acreditar que a política de descentralização do poder nacional aumentava a influência local que essa elite exercia (YILDIZ, 2005, p. 28); por outro, houve apoio de parcela curda aos movimentos de descolonização e independência.

Para melhor explicação, é importante esclarecer que a França seguia, no exercício de seu poder na Síria, a mentalidade de “dividir para conquistar”. O objetivo principal era



evitar o avanço descontrolado do nacionalismo árabe e limitar o poder de grupos políticos já estabelecidos. Para esse fim, os franceses apoiaram a autonomia de grupos minoritários.

O instrumento através do qual a França impunha seu domínio eram As Tropas Especiais do Levante⁶, que contavam com amplo recrutamento de minorias locais; os curdos ingressaram em grande número e eram designados para policiar a população árabe. Um óbvio resultado disso foi a deterioração da imagem curda perante a maioria árabe e sunita da população Síria (ALLSOPP, 2015, pp. 48 – 49).

A reputação curda foi manchada perante os árabes também em outro evento do mandato francês. Instaurou-se, em 1936, um governo central com perfil Árabe Sunita Nacionalista. Ao mesmo tempo em que tomaram essa medida, os franceses continuaram a apoiar autonomia administrativa de outras regiões. Depois de estabelecido esse governo central, deflagraram-se diversas revoltas, pela extensão do país, contrárias à centralização de poder e a sua entrega à elite de Damasco. Como resposta, a França estabeleceu um regime de maior autonomia na região da Jazira, promovendo a criação de clubes e organizações curdas (YILDIZ, 2005, pp. 29 – 30). Mais uma vez, o povo curdo foi associado a separatismo e insubordinação.

Sob pressão britânica, as tropas francesas se retiraram na década de 1940 e a Síria se tornou independente e passou a ser governada por um governo nacionalista árabe. Após somente três anos, em 1949, o primeiro golpe militar ocorreu e Husni Za'im, com ascendência curda, tornou-se presidente. Ele, assim como seus dois sucessores, inspirados no modelo estabelecido por Kemal Atatürk, colocaram o estabelecimento de ordem no sistema político como justificativa para os meios que empregaram na chegada ao poder (TEJEL, 2009, p. 40)

⁶ *Les Troupes Spéciales du Levant*



De 1949 até 1954, o estado sírio sofreu três golpes. O último deles deixou o parlamentarismo como forma de governo e, quatro anos mais tarde, liderada pela Frente Nacional, Síria e Egito formaram a República Árabe Unida (RAU). Gamal Abd al-Nasser, presidente egípcio à época, foi quem de fato manteve o posto de comandante. Neste período, o sentimento de nacionalismo árabe cresceu na Síria; ao mesmo tempo, diversas medidas contra os Curdos foram instituídas. Proibiu-se a língua e as publicações curdas e iniciaram-se campanhas de difamação contra os curdos, ligando-os ao sionismo e ao imperialismo ocidental (YILDIZ, 2005, pp. 31 – 32).

A RAU também foi destituída por um golpe e, um ano depois, o governo estabelecido sírio emitiu um decreto que deu início ao mais importante acontecimento com a população curda antes da chegada do partido Ba'th ao poder. Trata-se do Censo de Hasaka de 1962. A finalidade do censo era de arabizar a área de Jazira e promover mudanças demográficas artificiais que favoreciam os árabes. A justificativa das autoridades para a realização do censo foi de que muitos curdos teriam migrado para Síria, a partir de 1945, e adquirido documentos ilegalmente. A verdade é que a maior migração para a região ocorreu depois da Revolta do Sheikh Said e os curdos foram incentivados, através do recebimento de terras pelos franceses, a se assentarem na região da Jazira.

O censo requeria que os habitantes da Jazira mostrassem documentos para a prova de que moravam na região antes de 1945. Todavia, muitos não possuíam a documentação necessária, não participaram por receio de recrutamento ao exército sírio ou não haviam preparado a papelada porque não houve aviso prévio da realização do censo.

Como consequência, cerca de 120.000 a 150.000 curdos perderam a nacionalidade síria e tornaram-se apátridas. Eles foram divididos em duas categorias: os *ajanib* e os *maktumiin*. Os primeiros foram registrados como estrangeiros e o segundo termo engloba os curdos que não foram registrados de nenhuma maneira (ALLSOPP, 2015, pp. 149 – 156).



No ano seguinte à realização do Censo de Hasaka, o partido Ba'th assume o poder através de outro golpe. Caracterizado pela busca à unificação dos estados árabes e por ideologias contrárias às interferências imperialistas e a favor de reformas socialistas, o Ba'th traçou um projeto de redistribuição de terra que, depois, transformou-se no projeto do Cinturão Árabe. Através desse, estabeleceu-se um cordão militar seguindo a fronteira com a Turquia e com o Iraque. Pediu-se aos Curdos das áreas afetadas que se retirassem e se transferissem a regiões do interior Sírio, tipicamente não-curdas. Além disso, o regime incentivou, através de infraestrutura e subsídios, a ida de famílias árabes para as terras fronteiriças. (YILDIZ, 2005, pp. 36 – 38).

O projeto foi posto em prática no terceiro ano de poder de Hafez al-Assad, que conquistou o mais alto cargo do país através de, não surpreendentemente, um golpe interno do partido Ba'th. Al-Assad conseguiu reformular o partido e se rodeou de funcionários que fossem leais a ele pessoalmente; a recompensa para essa lealdade era a manutenção do respectivo cargo por anos ou décadas. Dessa maneira, o regime projetava uma imagem de estabilidade que faltava aos anteriores, e Hafez al-Assad se tornou o líder mais longo do estado sírio, governando por quase 30 anos até sua morte em 2000 (McHUGO, 2014, pp. 155 – 156)

Durante esse período, as forças armadas foram ampliadas e os comandantes respondiam diretamente a al-Assad; o número de agências de segurança também cresceu. Outra medida tomada foi a inserção de um artigo na Constituição Síria de 1973 que assegurava ao Ba'th a posição de partido líder na sociedade e no estado, embora alguns partidos não-Ba'thistas fossem tolerados. (Idem, pp.183 – 184).

Imediatamente após a morte de Hafez, a constituição síria foi alterada para que a idade mínima de candidatura à presidência caísse dos 40 aos 34 anos. Bashar al-Assad, filho de Hafez e com 34 anos na época, elegeu-se presidente sírio para um mandato de sete anos, através de um referendo no qual não teve oposição. (YILDIZ, 2005, pp. 39 – 40). Foi



durante o mando de Bashar al-Assad que ocorreu o episódio de maiores consequências para o movimento político dos curdos na Síria.

Em março de 2004, na cidade de Qamishli, região de Jazira, deflagrou-se um conflito entre torcedores árabes e curdos enquanto eles se reuniam perto do estádio local. Os Curdos afirmam que os torcedores árabes marcharam pelo centro da cidade entoando cantos pró-Saddam Hussein e anti-curdos. Já os curdos foram acusados pelo outro lado de cantarem apoio à liderança curda do Iraque e ao presidente norte-americano à época, George W. Bush. A fim de conter o enfrentamento, o prefeito do município deu permissão para que as forças de segurança abrissem fogo; estima-se que sete curdos foram mortos.

Até a noite daquele dia, notícias sobre um massacre de curdos chegaram a cidades da região de Hasaka e à capital nacional de Damasco. Parte da população curda, revoltada, saiu pelas ruas e depredou edifícios governamentais. Pela primeira vez no Estado sírio, manifestantes derrubaram estátuas e retratos de Hafez al-Assad. Agências de segurança e o exército novamente tentaram controlar as manifestações através da violência e outros curdos morreram – o número de fatalidades, todavia, não é certo.

No dia seguinte, mais de 100.000 curdos carregavam as vítimas pelas ruas quando a polícia, novamente, abriu fogo e estima-se que ela tenha feito mais cinco vítimas. Esse padrão de manifestações respondidas com violência e repressão policial ou militar continuou nas semanas seguintes. A calma foi imposta através de maior monitoramento das áreas curdas pelo regime; os ilegais Partidos Políticos Curdos também solicitaram paciência das populações curdas, principalmente para evitar mais fatalidades e prisões (ALLSOPP, 2015, pp. 35 – 37). Passada a onda inicial de demonstrações, Tejel afirma que os números totais eram de 43 mortos – dos quais sete árabes –, 2500 presos e centenas de feridos (2009, p 116).



Ao não apoiar o ímpeto popular para manifestações, os partidos políticos, sempre formados e operados ilegalmente, demonstraram estar desconectados da comunidade curda – principalmente da juventude (TEJEL, 2009, pp. 125 – 126). A atitude tomada diante da Revolta de Qamishli foi só um de vários problemas que levaram o movimento político organizado em estruturas partidárias à crise que vivia na véspera da Guerra Civil Síria.

Entretanto, antes de analisar os acontecimentos que vieram após o março de 2004, faz-se necessário analisar um pouco da história dos Partidos Políticos Curdos, suas origens, problemas e relacionamentos com o governo sírio, com os partidos políticos dos países vizinhos e com a população curda síria.

4. O Movimento Político e os Partidos

As primeiras expressões de Nacionalismo Curdo na Síria tiveram sua origem na elite e nos intelectuais curdos que fugiram da Turquia de Atatürk no início do século XX. Para esses exilados, não havia dúvidas de que o principal inimigo dos curdos eram os Turcos. Por consequência, quando houve o esforço para organizar uma união de tribos curdas, incluindo sírias e iraquianas, o objetivo era confrontar as tropas turcas e estabelecer um estado curdo independente.

A Liga Xoybûn resultou dessas tentativas e, entre seus princípios fundadores, reafirmava a posição de que a Turquia – e não os governos de Irã, Iraque ou Síria – era o alvo principal (ALLSOPP, 2015, pp. 53 – 54). Para alcançar seus propósitos, a Liga previa o envio de seu exército revolucionário ao norte do Curdistão, estabelecendo lá um governo e unindo as tribos locais sob seu comando (McDOWALL, 2007, p. 203).

Em 1928, um ano após sua fundação, a Liga iniciou a revolta do Ararat, invadindo o Monte Ararat, no território turco, e estabelecendo um pequeno estado, com bandeiras e tropas curdas. Como resposta, Ankara pressionou britânicos e franceses para que eles



punissessem os envolvidos no Xoybûn. Depois de ceder às demandas turcas, os franceses prenderam uma parte da liderança da Liga e restringiram os direitos de movimentação dentro do território sírio de outra. A revolta, que durou de 1928 a 1931, terminou com vitória da Turquia e resultou em uma mudança de mentalidade de parte da elite curda; inclusive de Jaladat Bedirkhan, um dos fundadores da Liga.

Bedirkhan percebeu que faltava unidade ao povo Curdo e que a revolta armada não era a melhor opção e lançou um movimento cultural em que a propagação da tradição e cultura curdas era usada como arma contra os opressores e como instrumentos de conscientizar os outros curdos. Jaladat Bedirkhan, inclusive, já havia desenvolvido um alfabeto curdo que utilizava a escrita latina e, acompanhado de seu irmão Kamuran, após a derrota do Ararat, lançou diversos jornais que focavam na propagação de costumes e da língua curda.

Essas novas atividades dos irmãos Bedirkhan exemplificam uma das principais consequências do fracasso do Xoybûn: a retirada de intelectuais da esfera política para a esfera cultural. Os esforços culturais, entretanto, ficaram restritos à minoria alfabetizada da população. Essa não foi a primeira vez em que as massas foram excluídas do movimento nacionalista, visto que o Xoybûn era composto, majoritariamente, pela burguesia e elite latifundiária (ALLSOPP, 2015, pp. 53 – 58; p. 66).

Tal falta de representatividade, somada às mudanças econômicas em direção ao modelo capitalista da região do *Kurd Dagh*, foi um dos fatores responsáveis por alavancar, no final da década de 1940, a popularidade do Partido Comunista Sírio (SCP). Na época, havia um vácuo na posição de liderança do Curdistão e pouco entusiasmo relacionado ao nacionalismo curdo, principalmente porque os primeiros levantes do curdo iraquiano Mulla Mustafah Barzani não haviam resistido por muito tempo; isso também contribuiu para que os curdos sírios depositassem suas fichas no SCP.



A relação entre curdos e partido comunista começou a se desgastar em razão do desconforto da liderança partidária com a crescente crença de que direitos nacionais curdos poderiam ser conquistados através do partido. Essa incompatibilidade de ideias decorreu da falta de apoio a nacionalismos dentro da doutrina comunista e, também, porque uma defesa explícita aos Curdos possivelmente afastaria árabes sírios da organização. Assim, pouco a pouco, o SCP começou a tomar posicionamentos que afastaram os membros curdos, tais quais a recusa de publicar panfletos na língua Curda e a decisão de afastar Rashid Hamo, um intelectual curdo, do partido por julgar que ele disseminava ideias burguesas e nacionalistas. (Idem, pp. 65 – 69).

Mesmo depois de um fim não amigável, a relação com o Partido Comunista deixou importantes legados ao movimento político curdo: muitos curdos adquiriram experiência com organização política; pela primeira vez, a região da Jazira e das *Kurd Dagh* se uniram em um movimento pró-curdo; grande parte dos posteriores Partidos Políticos Curdos alinharam-se aos ideais leninistas-marxistas.

Induzidos pela crescente necessidade de proteger interesses específicos de curdos sírios no período pós domínio francês, quando o nacionalismo árabe ganhava cada vez mais força, e auxiliados pelas experiências anteriores, Osman Sabri e Abdul Hamid Darwish, juntamente com outros nacionalistas curdos que viviam em Damasco e curdos de inclinação esquerdista das áreas ao norte, fundaram o primeiro Partido Político Curdo Sírio, em 1957: o Partido Democrático do Curdistão da Síria⁷ (KDPS).

A primeira divisão do partido teve origem na prisão de grande parte de seus fundadores e de sua liderança em 1960. Enquanto no cárcere, os presos formaram dois grupos: um defendia que os membros não deveriam citar o fato de que o partido defendia o Curdistão unido e o outro dizia que essa era uma das ideias fundamentais do partido e que

⁷ *Partîya Dêmkokrat a Kurdistan a Sûriyê*, traduzida para *Kurdistan Democratic Party of Syria* em McDOWALL, 2007, p. 477



seus membros deveriam defendê-la. Além disso, o KDPS sofria forte influência do KDP⁸ do Iraque, inclusive recrutando soldados e angariando fundos para a revolta iraquiana contra Abd al-Karim Qassim. Então, quando a KDP se dividiu entre o grupo conservador de Mustafa Barzani e a facção Marxista de Jalal Talabani, que fundou a PUK⁹, o KDPS acabou por seguir uma linha divisória semelhante.

Os acontecimentos em torno da primeira divisão dos partidos curdos estabeleceram dois padrões de comportamento que marcariam o movimento curdo na Síria até a atualidade: sucessivas dissidências e divisões dos partidos, quase sempre causada por divergências entre as lideranças; influência de partidos e figuras das áreas curdas de países vizinhos. Essas características dificultavam a identificação do povo curdo com os partidos, que apresentavam objetivos muitos semelhantes entre si e, em alguns casos, partilhavam do mesmo nome. Além disso, o movimento político na Síria carecia de uma liderança carismática, capaz de unir o povo em torno de sua figura, como fazia Abdullah Öcalan na Turquia ou Barzani e Talabani no Iraque.

No fim de 2012, o número de partidos ilegais na Síria era de 20 e apenas três deles não tinham origem direta no KDPS ou em alguma de suas ramificações, sendo o PYD uma dessas exceções (ALLSOPP, 2015, p. 233). Todos tinham demandas principais em comum: democracia para a Síria, igualdade entre habitantes árabes e curdos e a garantia de direitos sociais e culturais a estes últimos. A fragmentação diminuiu a possibilidade de qualquer uma dessas organizações representar uma ameaça real ao regime. (McDOWALL, 2007, pp. 477 – 478).

A ditadura dos al-Assad fez uso dessas características a seu favor, supostamente infiltrando funcionários das agências de segurança nos *rankings* dos partidos (ALLSOPP, 2015, p. 179) e, principalmente, facilitando a influência dos partidos iraquianos e turcos no

⁸ *Kurdistan Democratic Party*

⁹ *Patriotic Union of Kurdistan*



território Sírio. Dessa maneira, os curdos da região passavam a investir mais tempo e esforço nos partidos do exterior e, por consequência, os locais acabavam enfraquecidos. Exemplos dessa última estratégia são muitos, sendo os principais: a facilitação da entrada da PKK - o maior dos grupos curdos da Turquia - em território sírio na década de 1980 e a presença de sedes oficiais da KDP e da PUK em cidades sírias.

A atuação da PKK com os curdos sírios é especialmente marcante por ter contado com um amplo, porém tácito, apoio do governo central. Análise de documentos oficiais indicam que os curdos que decidiam lutar pelas forças da PKK não eram solicitados para participar no exército sírio, evidenciando uma parceria relativamente íntima entre o regime sírio e o partido turco. O objetivo governamental era, além de desviar a atenção da população para o partido do estado vizinho, desafiar o governo da Turquia (ALLSOPP, 2015, pp. 39 – 42).

A popularidade da KDP, PUK e PKK, entre outras, foi resultado de uma ideia predominante entre os Curdos da Síria de que a solução para o problema deles viria de uma outra parte do Curdistão, e não deles mesmo (ALLSOPP, 2015, p. 118). Contribuiu para isso a inabilidade dos partidos curdos sírios de, em mais de 50 anos de funcionamento, conseguir qualquer tipo de concessão por parte do estado.

Explica essa aparente ineficiência dos partidos, além de suas fraquezas já mencionadas acima, a maneira através da qual eles se mantiveram em atividade. O governo sírio “tolerava” a existência dessas organizações caso elas não ultrapassassem certos limites em suas ações. Esses limites não eram explícitos, bem explicados ou, até, imutáveis. Mas se sabia quando as atitudes de um partido haviam ultrapassado algum limite porque, como consequência, sua liderança sofria com represália governamental (ALLSOPP, 2015, pp. 114 – 117)



Notada a existência de certa tolerância por parte do regime, alguns partidos, principalmente os de direita, passaram a respeitar ao máximo os limites implícitos do governo, visando cultivar relações com ele e, através do diálogo extraoficial, alcançar soluções para as demandas curdas. Os partidos que agiam dessa forma recebiam pouco apoio popular, principalmente por causa da imagem negativa que uma tentativa de aproximação ao regime proporcionava e, também, porque esse método se mostrou pouco efetivo.

Restringidos pelos limites das autoridades e pela ausência da possibilidade de iniciar diálogos oficiais com o governo, os partidos voltaram suas ações à sociedade curda e assumiram dois importantes papéis: o de mediadores de disputas sociais, antes reservado a líderes tribais e locais, e o de apoiadores da produção cultural. Nesse âmbito, intelectuais curdos, que até o início da última década apareciam em grande número dentro de partidos políticos, eram responsáveis por propagar mitos e escritos curdos, a fim de manter vivo o sentimento nacionalista e de promover uma interpretação curda acerca de eventos, lugares e objetos (TEJEL, 2009, p. 122). Os partidos direcionaram esforços para superar os problemas advindos do banimento de publicações escritas em Curmânji, cujo ensino é ilegal tanto em escolas quanto em ambientes privados. Como solução, a maioria dos autores curdos, incluindo algumas lideranças partidárias que possuem periódicos próprios, passaram a imprimir suas obras em outros países, como Líbano e Alemanha, e a contrabandeá-las para dentro do território sírio.

A organização das festividades do Newroz, mediante permissão do *mukhabarat* (a agência interna de inteligência), também cabe aos partidos. Depois da Revolta de Qamishli, essas celebrações ficaram marcadas por repressão do regime, que bloqueou ruas, destruiu palcos e foi responsável por tiroteios fatais contra os participantes (ALLSOPP, 2015, pp. 122 – 132).



Independentemente do valor dado às contribuições partidárias à sociedade, o sistema político curdo da Síria entrou em crise nas duas décadas que precederam a Guerra Civil. A população curda - crítica das constantes divisões dos partidos, das supostas ligações com agentes do estado e da falta de obtenção de uma substancial concessão aos curdos pelo governo de al-Assad - deixou de apoiar os tradicionais partidos políticos.

A chegada da internet e dos telefones celulares à Síria, em 2000 e 2001 respectivamente, agravaram as insatisfações. As novas tecnologias permitiram o acesso a outras fontes de informação menos influenciadas pela retórica partidária. O funcionamento interno dos partidos foi revelado através da rede, que se mostrou um ambiente propício para discussões acerca das fraquezas do movimento político (ALLSOPP, 2015, pp. 177 – 186).

Como foi dito, os pedidos dos partidos por calma durante as revoltas de março de 2004 e a assinatura da Declaração de Damasco no ano seguinte passaram a impressão de que as lideranças políticas estavam dispostas a ceder demasiadamente a outros interesses, defendendo apenas as mais básicas das demandas curdas.

5. A Posição Curda no Conflito Nacional

Desde 2005, lideranças Curdas e da oposição árabe ao regime al-Assad trabalhavam em conjunto para discutir sobre o governo central; essas relações se deram sob a estrutura da Declaração de Damasco, que não satisfazia a maioria dos desejos curdos. Mais tarde, a liderança da oposição adquiriu traços de maior islamismo e nacionalismo árabe, mudança que preocupou os Curdos quanto ao perfil da alternativa a Assad (ALLSOPP, 2015, p. 198).

No início da revolta Síria, os curdos foram acusados por árabes opositores de não tomarem um lado declarado; ainda pior, promessas de concessões a desejos curdos, como a devolução de nacionalidade aos curdos apátridas, oriundas de Bashar al-Assad,



causavam a impressão de que os partidos poderiam se esforçar para manter o *status quo* no estado sírio. A realidade, porém, era outra e grupos de jovens curdos protestaram, desde o começo, ao lado de árabes contra o regime. Por parte dos partidos, a posição oficial tardou para ser definida, mas foi, finalmente, decidido por continuar as lentas negociações com a oposição árabe.

A cooperação através da Declaração de 2005 pouco a pouco perdeu força até que, em 2011, o Conselho Nacional Sírio (SNC) surge como nova tentativa de unir as oposições árabes e curdas. Entretanto, todos os partidos políticos curdos que fizeram parte do conselho o deixaram pouco tempo mais tarde, como protesto às reuniões do grupo promovidas pelos turcos (CAVES, 2012, p. 3). Por fim, a maioria dos antigos partidos políticos formaram o Conselho Nacional Curdo da Síria (KNC), cuja criação foi apoiada pelo KDP do Iraque.

Mesmo com o estabelecimento de diferentes uniões curdas para negociar com os árabes, chegar a um acordo que satisfizesse os desejos curdos de direitos iguais e de não definir o Estado Sírio como árabe se provou difícil. (ALLSOPP, 2015, pp. 198 – 201).

Segundo Hossino e Tanir, em março de 2012, apenas dois partidos políticos curdos não faziam parte do KNC, sendo o PYD um deles (2012, p. 5). O conselho, cujo corpo de integrantes também conta com a participação de grupos de juventude curda, enfatizou desde seu início que fazia parte da revolução síria e recusou propostas para negociar com o regime.

Nos primeiros anos da guerra civil, entretanto, o partido que melhor soube aproveitar as circunstâncias para se estabelecer como dominante foi o PYD, o Partido da União Democrática. Esse grupo, estabelecido em 2003, foi fundado por antigos membros da PKK, expulsa da Síria em 1998. O PYD nega ser uma ramificação do antigo partido de



seus fundadores, mas é ideologicamente ligado a ele e faz parte da União das Comunidades do Curdistão, composto por grupos apoiadores da ideologia e objetivos da PKK.

Entre os fatores que levaram ao domínio do PYD estão a superior organização e planejamento estratégico e o fato de que as ligações dele com a PKK permitem acesso a armas, treinamento, e experiência, além de um perfil ideológico distinto. Há, entretanto, um facilitador polêmico da ascensão do PYD: o partido é acusado de ter sido ajudado pelo regime sírio, que permitiu a tomada das regiões do Rojava sem confrontos diretos e continua a pagar o salário de servidores públicos das regiões controladas pelo PYD. É provável que esse apoio seja decorrente da existência de inimigos comuns entre o PYD e o regime Assad: o Estado Islâmico e a Turquia.

Nas áreas em que tem controle, o PYD aplica a teoria de governo do Confederalismo Democrático, de autoria de Abdullah Öcalan. Nela, defende-se um governo “de baixo para cima”, a separação de Estado e Igreja, democratização da sociedade e direitos iguais para mulheres e minorias.

É contraditório o fato de que o PYD defende maior democracia no governo de seu povo e é, ao mesmo tempo, acusado de ser autoritário. O controle do PYD sobre o Rojava não foi aceito por toda a população curda, com o aparecimento de pontuais casos de resistência local. Além disso, membros do KNC acusaram partidários do PYD de assédio e intimidação. (GUNES; LOWE, 2015, pp. 3 – 6).



Considerações Finais

Entre todas as comunidades Curdas que se formaram depois do Tratado de Lausanne, não houve uma cujos membros conseguiram, de imediato, garantir-se como cidadãos plenos de seu Estado. Os pleitos dos curdos no Iraque e na Turquia foram mais estudados que os do Irã e da Síria, muito em razão dos massacres cometidos pelos governos daqueles e pelo tamanho reduzido destes.

As dificuldades pelas quais passaram os curdos sírios usualmente assumiram formas menos violentas e ocorriam através da negação cultural e de cidadania. Por consequência, suas vozes e pedidos receberam menos atenção do que os de outras áreas do Curdistão; e os líderes desses outros segmentos por vezes usufruíram da posição de “maior importância” que ocupavam para influenciar as decisões internas dos habitantes do Rojava.

É evidente que eles também acabaram sendo vítimas da incapacidade da própria elite de se organizar de forma coesa e sem conflitos. Os regimes sírios se aproveitaram disso e, até que um conflito de alcance nacional se iniciasse, as organizações locais eram malsucedidas na busca de maiores direitos.

Tendo em vista a história da política curda na Síria, marcada por brigas internas e quase nenhuma conquista substancial, é surpreendente que a região do Rojava seja hoje uma das duas em que os curdos mantêm um governo autônomo próprio. É evidente que, dentro do quebra-cabeça da Guerra Síria, tentativas de prever o futuro das partes são fúteis e, por esse motivo, não se pode afirmar que os ganhos curdos serão duradouros. Cabe ao PYD, ao KNC e às populações locais saber lidar com a falta de aliados na região para, quem sabe, fazer da Guerra Civil Síria o ponto de partida para uma nova realidade dos curdos de lá.



Referências Bibliográficas

ALLSOPP, Harriet. **The kurds of syria: Political Parties and Identity in the Middle East.** 2 ed. London and New York: I.B.Tauris, 2015. 320 pp.

FELDBERG, Samuel. **Acordo Sykes-Picot (1916).** In: MAGNOLI, Demétrio. **História da Paz.** 1 ed. São Paulo: Contexto, 2008. 448 pp.

GUNES, Gengiz; LOWE, Roebert. **The impact of the syrian war on kurdish politics across the middle east,** 2015. Disponível em:<https://www.chathamhouse.org/sites/files/chathamhouse/field/field_document/20150723SyriaKurdsGunesLowe.pdf> Acesso em: 18 de nov. 2016.

GUNTER, Michael M. **The kurds: A Modern History.** 1 ed. Princeton: Markus Wiener Publishers, 2015. 256 pp.

HOSSINO, Omar; TANIR, Ilhan. **The Decisive Minority: The Role of Syria's Kurds in the Anti-Assad Revolution,** 2012. Disponível em:<http://www.scpss.org/libs/spaw/uploads/files/Reports/03-2012_Henry_Jackson_Soc_Rpt_re_Role_of_Syr_Kurds.pdf> Acesso em: 20 de Set. 2016.

MCDOWALL, David. **A modern history of the kurds.** 3 ed. London and New York: I.B.Tauris, 2007. 515 pp.

MCHUGO, John. **Syria: A Recent History.** 1 ed. London: Saqi Books, 2015. 304 pp.

SIDKI, Bakr. **The kurds and the syrian revolution,** 2012. Disponível em:<https://lb.boell.org/sites/default/files/downloads/Bakr_Sidqi-The_Kurds_and_the_Syrian_Revolution.pdf> Acesso em: 15 de Nov. 2016.

TEJEL, Jordi. **Syria's kurds: History, Politics and Society.** 1 ed. New York: Routledge, 2009. 189 pp.



YILDIZ, Kerim. **The kurds in syria**: The Forgotten people. 1 ed. London: Pluto Press, 2005. 160 pp.